



CAFÉ RICHE

BOULEVARD DES ITALIENS, 16

PARIS (9^e)

TÉLÉPHONE (GUTENBERG 68-32
3 LIGNES) CENTRAL 86-28

Paris - Abril de 1913
Dia 21

Meu querido amigo,

Recebi ontem a sua carta e mais uma vez lhe peço perdão de outro dia lhe ter enviado um postal. O meu amigo é tão amável, escreveu cartas tão longas que na verdade é exorbitante ainda em cima de lhe escrever para a pedir resposta! Mas peço-me não é verdade de 2. Claramente que lhe agradeço não só a sua carta, mas a carta, como, deplamente, aquilo que ela contém - a sua opinião inteligente e franca. Muito obrigado. Tenha a sua carta desta noite de mim. Vou prometer-lhe ao menos tempo que lhe escrever esta, respondendo aquilo que responde me sugerir.

Diz-me que na sua opinião do Louce e Concha é "Clareira", na "Bailado em Transilvânia". Eu acho preferível outro termo: "Transilvânia". E daí a falência da obra. Já receava - e a sua carta veio-me confirmar. Com efeito eu recitava o bailado, e achava bela a melodia, mesmo o conjunto. Achava belera, mas essa belera não me satisfazia de forma alguma. E eu esquecia-me até de uma obra que tanto me agradava ao recitá-la. Esquecia-me de gozar a lição em si - isto é: intuitivamente não a considerava, não cria na sua existência - porque em verdade ela não existe. E ao entanto, veja, ainda hoje creio

na sua helera - simplesmente ¹¹⁵ ¹¹⁴⁰ essa helera
é uma helera errada. Não é uma falta
helera, é uma helera errada. Já eu
deixar a conclusão da sua crítica, endeu
o meu trabalho, endeu-lo mesmo á corte,
e no entanto estima-lo. Isto é muito difi-
cil de fazer compreender. Deixa-me explicar
instantaneamente: No bailado, eu acumulei helera
em volta de nenhuma armadura, acumulei
helera á ~~to~~ ^{to} uma sobre a outra, e assim
total, empote de coisas heler, ficou
inexpressivo, nada á frente - sem valor
uma palavra. Quanto a mim o defeito
primordial da obra é, como eu já puzbra,
o título ser indifferente: tanto importante:
Bailado em Pouho d'Opio, Musica etc.
O Bailado, não será no entanto um
simples bailado de palavras? Sr. v. h. a
embora toda a significação material,
para ser só a a do ritmo de sons e
ideias? Isto sou eu ainda a querer
salvar-me num esforço, aliás inutil.

Diga portanto o que pensa sobre este "través")
No principio e especialmente as (links,
acho-os não heler. E sabe porquê? É que eu
já comecei compoendo apoiado; lembrando-me
do baile, procurando-o traduzir artisticamente.
"Tudo honrante, e' honrante", pôz o pau e
refugia sob um sellario ueravido de côr,
onde tudo era silencio, e ao longe horizonto
reforcular e vermellos. elles em breve um
ruído grosso de silencio - o tór de os pés
nus da danarina - Vinha animar o quadro.

Sinda me apoiaci al gumeo linhas,
mas sempre atacado da hebedeira
de palavras - o que não é o mais grave:
o pior é que essa hebedeira é talubreu
de ideias, sobretudo no final - me transtorna.
Não mais me lembrei da pausa na
só me lembrei de pontos falsos, de ideias
que saiam do quadro. E daí a ruína.
Por isso até agora não se é quando diz
que as minhas frases nenhuma impressão
che dão de baixado (a não ser talvez, talvez,
na expressão de baixado, de rodopio, de ideias
& palavras).

Contra um pequeno mínimo da sua
crítica me insurto. É quando diz que
gondra unqida não quer dizer nada. Quer,
olhando toda a frase: "A grande esfinge
platinada da luz do ar far contra
unqida". Sim. Mas outro obstáculo
fazia simplesmente sondra; mas a esfinge,
a grande esfinge misteriosa e simbólica,
faz "sondra unqida", sondra sagrada,
por ser feita pela esfinge. É um detalhe
mínimo, que nem dele chega ser, mas
que é significativo. Parece que isto se
não pode negar. Em não expressei o unqido
simplesmente por ser uma palavra limpa
e em moda. Mas isto, nenhuma importância tem.

Estão encendo com a ardeção q' far das
linhas a partir de "Olhe o cano de triumpho".
Mas não verá belas, mas tão das rezes que
em julg. Traduirem o baile do. São belas
belas, mas estão em certos. "Apud meum
a grande fra.", e tão mais que eu fei conta.

Vê-se bem que eu realizei tal-
isto é não realizei - o que pretendi que
é exactamente quando mais fujo, mais
divago que atingo helera. Min. resumo
roce (e eu escoreo plenamente) atinxi
helera em 3 e em 5. Bem 4, no uervoiro,
ou incompreensível. Ora aqui, foi um
os instantes onde de novo me quis a-
poiar. Os uervoiros eram simplesmente
os gases que eu volviam a durar na
minha nielina dourada, que tumescera
em flocos em volta da sua carne, mas
que não ocultava, como ^{com} a
nielina real, as entrias desvendadas;
virts que os réis só eram nielina
ao voltear, e volteando descobriam
a carne.

Quanto ás maneiras que roce
deu podem ser applicadas a' trez dignos
do meu baile do deo. He d'isto que se pede
o meu cubito foi a terceira maneira
que eu quis emprezar. Mas um megaplo



CAFÉ RICHE

2

BOULEVARD DES ITALIENS, 16
PARIS (9^e)

1154-105

TÉLÉPHONE GUTENBERG 68-32
2 LIGNES CENTRAL 86-29

ela. Eu decidi como principio funda-
mental, nem por sombras falar na bailadei-
ra. Por de parte o instrumento, para só
realizar a sua obra. A surpresa,
concorde, era difícil. Eu desejei
executar com palavras, o mesmo q
danceria executava com o seu
corpo, auxiliado pela musica, pela
cor (o cenário), pela luz. Pareceu
e' claro. Não há opor a minima
dúvida; sou eu como já disse o
primeiro a lembrar.

Entretanto - e isto o que mais
me penalisa - há no "Bailado" algumas
fres que sinceramente eu acho
mto; ut. hely. São as mulheres que
voce destaca, e' sobretudo a parte
que antecede o final: "Uma inerta
nostalgia" até "Vivo em roxo e
morro em souro". E' esta a tortura:
Como salvar essa beleza? Porque o
bailado, como bailado, está inteira-
mente, nem mais do que interveni-
do

palhada. Não é uma obra a suador, a
conferir. É uma obra a faer. E
sendo assim dificilmente se poderão aproxi-
tar fraes d'este escripto, porque se a
preocupação de os aproveitar iria
perniciosamente influir sobre a
nova composição. Que diz voçê a
isto?

(Cabe-me felicita-lo entre parentesis
pela moerichia de intelligencia e
arte que são as paginas em q' voçê
analisa o maneira de realizar um bai-
lante de lhe repetir os meus agrade-
cimentos; ou melhor, um quidam;
a minha gratidão. Ha uma maneira...)

Quanto ao "aleui".
O sufarum deriva da verdade e elomi-
nar. Dáhe porq' eu o suprequei. Vai
ver: é curioso e infantil. Foi para
ter a impressão de coisas a coner
vôre o corpo pelo abrandamento
suessivo da gutaral: pulcaram
sugaram, sufaram. Mas em verdade
unicamente uti da a impressão deser-
juda e a palavra é impropria e potetida
feia.

o círculo aguçado, e' simplesmente
um disparate e um disparate inutil
(tanto de harats q' existem dispartes
utens...) Com effeito, pare dar a impresso
de circulos fantasticos, la'ntas os
obstáculos euclarinhados, impossiveis que
me parecem fortes e possiveis. Têm
recaído no que diz a seguir sobre o fim
do paragrafo, elle é ainda não
est'ou na sua forma definitiva.

Decidi a 'explicação philosophica.
Ela é bem real e intelligivelmente
esboçada. Abstracta contanto da
influencia de Paris. Ela não existe,
parece-me. E daí talvez exista
transiivelmente... Empenho profei-
tamente o que quer dizer com as
influencias da sua obra. Elas
nem um não podiam deixar de existir
em mim. Tudo o que me entusiasmava
me influencia ^{intencionalmente}. E só me oppo
por isso. Só quem tem dentro
de si alguma coisa pode
ser influenciado. Quando isto vier
nos encontrarmos muito lhe falarei
do meu meu eu artistico; das mi-
nhas quezadas, dos meus despojos. E' tua

o redar visto, dit' seu modestia :
uma imaginação admirável, bom
material para a "realização"; mas
um mau operário - pelo menos um
operário deficiente, que se distrai, se
esquece e erra. Uma falta
de equilíbrio em suma. Mas
acha que tenho razão. Não se
esqueça de me dizer sinceramente,
rudemente. (A falta de equilíbrio, bem
deuvida de que eu sou um "des-
quilibrado, e o fui sempre desde
criança). (Quando acima escrevo
"imaginação", não me refiro só a
ideal de uma obra, já para imaginação,
mas também a imaginação da sua
realização que se encontra em simples
frases, não no total da narrativa. É
possível que não me compreenda aqui,
mas não lhe sei dizer outra forma).

Tomo nota do q' me diz por
ultimo do Bailado, acerca da sua
música e q' é into. clórico.

Laço me por o meu caro amigo
me ~~for~~ dizer que não me abandona

CAFÉ RICHE

3

BOULEVARD DES ITALIENS, 16

PARIS (9^e)

TÉLÉPHONE (GUTENBERG 68-32
2 LIGNES | CENTRAL 86-29

por ir empôr um bailado. Lo
me allegro por isso, unicamente
lho pedindo q' assim q' o excento
lho envide hem como o do Correia
do Oliveira e quem peço que
traamita o que deço nestas linhas,
com o meu empurramento.

Via as linhas da Aguiar e
achei tambem muito grato. Aguiar
deve ser do Alvaro Pinto.

Quo do Teatro em o artigo sobre
o P. Pinto, recorro e tenho queri
a cartela que lhe falei sobre o
assunto, uma das ~~suas cartas~~,
referindo-me até entao a sua obra
frouca festoqante q' voce tinha
lido. Vertalme esteji em erro.
Mas se esquepa de ~~as cartas~~
ouo q' quando puder.

Bairros o'itudo a ruir, especialment
bela Phorolita de Huef.

Polvo o furo Real am & do o
jota concorre com alguma coisa.
Darei ordem ao meu pai. Mas
como fazer. e he chegar o dinheiro
a mais, a si? Tudo buca. e
a minha casa? diga-me e
na volta do correio eu lhe direi
quando p. de ir a minha casa,
e for este processo q' escolher.

As provas do "Homem do Loulus"
reua, ele q' deu a tempo de eu
ir, e ver v. a. far um, pois compo
inteiramente em Fernando Pessoa, o
revisor.

Quas ideias novas que aqui
he escrito, copiando textualmente
o apontamento telegrafico q' tenho
num projecto:

- a Fixa na rua, um banco que he
centra outro fa' morto (o seu professor alemão)
pois se parece m. to em ell. Se o descobridor
fixa no tambem. Parece que tambem o
recohece. De novo se encontram num

Café. E falam. O decanheado ^{Nº 106a} é
além... E conta. E o fôfo
por se parecer inuente com um seu
discipulo morto fã... — Diz, dar a
idéia dos inuentos q'ua vida
por vezes viveu, das tonas claro-
escuro q' uela espírito (como as vezes
ainda acordado, como q' enogaus)
a saber, despertando logo por um breve
reposo, que uântens a certura de
existência. Faer pensar a inuentura
do proprio encontro, do episodio q'.
— e o estranho decanhe d'um homem
que uma uma mulher que se lhe
entrega toda mes que elle não pod e
possuir inteiramente porq' a sua helera
se lhe a p'pura a morel, nunca fixada.
Assim, um dia metá-a. A helera
finalmente deixa de correr, pára.
E elle p'roua toda nesse corpo morto e
p'liido, levado pelo luar (obtere
a alma da helera; mas o proprio
corpo se transforma em alma.
E elle chama a alma e a carne
perida. Porq' em face do seus
olhos delirantes, a carne se erra
na noite su.
Estas duas ideias não são u' inuentura

